

Aula 5

A ANÁLISE TEXTUAL E A CRÍTICA FENOMENOLÓGICA

META

Aperfeiçoar a relação entre os conceitos da crítica fenomenológica e o texto literário

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
situar a crítica fenomenológica entre as correntes teóricas do século XX;
compreender os mecanismos da crítica fenomenológica;
articular os conceitos da crítica fenomenológica com a prática textual;

PRÉ-REQUISITOS

Rever o estudo sobre crítica fenomenológica visto nas aulas de Crítica Literária.

Jeová Silva Santana

INTRODUÇÃO

Vimos que a crítica fenomenológica situa-se entre as correntes teóricas que, surgidas no século XX, priorizam os aspectos imanentes do texto literário. Nascida no contexto da crise ideológica e perdas de referências no contexto europeu da Primeira Guerra Mundial, a fenomenologia tem como meta reconciliar o sujeito e o mundo reduzindo ao máximo o caráter abstrato que caracterizara a filosofia até então. Para seu criador, Edmund Husserl, seria preciso separar o objeto para melhor conhecê-lo, prática que está na base da crítica formalista, que também isolava “o objeto real e em lugar dele focalizava a maneira pela qual era percebido”. Assim, no caso da obra literária, ignoram-se “o contexto histórico concreto da obra literária, seu autor, as condições de produção e a leitura” (EAGLETON, 2001, p. 81). Busca-se valorizar a leitura sobre os elementos constitutivos do texto.

Para a crítica fenomenológica o texto é fruto do que se materializa na mente do autor. Os aspectos estruturantes oriundos do estilo e da semântica devem ser vistos “como partes orgânicas de um todo complexo” (EAGLETON, 2001, p. 81). Nesse caso, torna-se irrelevante quaisquer informações biográficas sobre o autor. Um exemplo dessa perspectiva estaria no fato de querer justificar o estilo conciso, “telegráfico” de Machado de Assis como resultante de seus males físicos e ou psíquicos, tais como a epilepsia, a gagueira, ou ainda pelo fato de ser mulato. Nessa perspectiva, certas marcas textuais de sua obra como ironia, pessimismo, negatividade ou ainda na repetições de temas como traição, loucura, ciúme, seriam resultantes das “estruturas profundas” de sua. Segundo Eagleton (2001, p. 82),

Ao perceber essas estruturas, estamos aprendendo a maneira pela qual o autor “viveu” seu mundo, as relações fenomenológicas entre ele, sujeito, e o mundo, objeto. O “mundo” de uma obra literária não é uma realidade objetiva, mas aquilo que em alemão se denomina *Lebenswelt*, a realidade tal como organizada e sentida por um sujeito individual. A crítica fenomenológica focaliza, tipicamente, a maneira pela qual sente o tempo ou o espaço, ou a relação entre o eu e os outros, ou a sua percepção dos objetos materiais. Em outras palavras, as preocupações metodológicas da filosofia husserliana frequentemente tornam-se, na crítica fenomenológica, o “conteúdo” da literatura.

Tentemos observar essa perspectiva em dois poemas de **Fernando Pessoa**:

Ver glossário no
final da Aula

XXIV

O que nós vemos das coisas são as coisas.
Por que veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê,
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um sentido profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma seqüestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

(Alberto Caeiro, in: PESSOA, 1995, pp. 217-18)

XXXV

O luar através dos altos ramos
dizem os poetas todos que ele é mais
que o luar através dos altos ramos.
Mas para mim, que não sei o que penso,
o que o luar através dos altos ramos
e além de ser
o luar através dos altos ramos
é não ser mais
que o luar através dos altos ramos.
(Alberto Caeiro, in: PESSOA, 1995, p. 222).

Essa busca de explicação é recorrente na poética de Fernando Pessoa, muitas vezes amparada na metalinguagem, como se vê no segundo poema. O poeta procura conduzir a poesia para uma direção contrária ao lugar comum, renegando as metáforas que paralisam a linguagem, que não a inovam. Com isso, exercita um jogo em que se abrem outras possibilidades

diante das incertezas e negações que permeiam o caminho do homem em seu estar no mundo.

CONCLUSÃO

A crítica fenomenológica é mais uma das atividades críticas que têm o texto como principal objeto de análise. Surgida em um momento crucial no cenário social da Europa marcada pelo conflito da Primeira Guerra, pretende manter as experiências internas isentas das contaminações que a linguagem sofre no meio social, vendo-a como um sistema organizado de significados independentes.

Na relação direta com o texto, a fenomenologia pode contribuir para se detectar certas reiterações temáticas nas obras dos autores, as quais podem revelar uma predisposição estilística que materializa sua consciência. No entanto, a crítica fenomenológica também apresenta limitações ao propor uma análise acrítica, centrada na realidade, que não possibilita a apreensão do fenômeno literário em sua totalidade.



RESUMO

A crítica fenomenológica é uma das correntes de análise que procura no texto literário a principal razão de seu objeto, centrando-se no esforço de penetrar na consciência do escritor, mergulhando de forma empírica no mundo da obra para retirar, de modo exato e imparcial, o que nela se encontra. Nesse sentido, ficam de fora quaisquer predisposições de se buscar elementos externos, tanto na vida pessoal do autor quanto na sociedade, como suporte para esse tipo de interpretação. Contudo, essa leitura imamente do texto tende a criar limitações diante das múltiplas significações que ele pode gerar, as quais podem ser captadas com o auxílio de outras ciências do conhecimento.



ATIVIDADES

Como forma de fixação e incentivo para se aplicar os pressupostos da crítica fenomenológica, propomos a leitura do poema abaixo, pertencente a Alphonsus de Guimarães, poeta representativo do Simbolismo no Brasil, estudado na disciplina Literatura Brasileira II. Observe que tipos de recorrência marcam o poema. Como a crítica fenomenológica leria o fato de a morte ser uma constante na obra desse poeta?

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
pôs-se na torre a sonhar
viu uma lua no céu,
viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
banhou-se toda em luar...
queria subir ao céu.
queria descer ao mar...

E, no desvario seu
na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu.
Estava longe do mar.

E como um anjo pendeu
as asas para voar...
Querida a lua do céu,
querida a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
seu corpo desceu ao mar...

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A reiteração apresenta-se na musicalidade dos versos em redondilha maior (sete sílabas poéticas): “Quan 1/doIs 2/má3/lien4/lou5/que6/ceu7); na simetria das estrofes, as rimas cruzadas (ABAB) e ricas (classes gramaticais diferentes): “enlouqueceu”(verbo)/“céu” (substantivo); no uso de pares opostos (antíteses): “céu/mar”, “perto/longe”, “subiu/desceu”, que acentuam o embate entre a realidade espiritual e a concreta. Esses expedientes estruturais junto a elementos da temática simbolista “sonho”, “anjo”, “torre” “Deus” acentuam o clima a impossibilidade de conciliar desejo e posse. Além disso, a temática da morte é uma constante em seus poemas, principalmente a da mulher amada, cuja idealização requer o aprimoramento espiritual por parte do eu lírico. Além dessa concepção platônica de amor se somam a devoção religiosa de fundo católico e a morte. Para a crítica fenomenológica essa recorrência teria como base indícios da psicologia de Freud e das filosofias espiritualistas da época em que o poeta viveu, os quais impregnaram sua obra com elementos místicos, medievais, oníricos.



PRÓXIMA AULA

O texto literário e a crítica estruturalista.

REFERÊNCIAS

- BONOMI, Andréa. **Fenomenologia e estruturalismo**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- EAGLETON, Terry. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução: Wal-tensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2011
- PESSOA, Fernando. **Obras poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- TUFANO, Douglas. **Estudos de literatura brasileira**. São Paulo: Editora Moderna, 1975.

GLÓSSARIO

Fernando Pessoa: (Lisboa, 1888-1935). Considerado o maior poeta da língua portuguesa depois de Camões. Tem na criação dos heterônimos (poetas com identidade própria) Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Vicente Guedes, Bernardo Soares, Antônio Mora, Alexander Search e outros, um modo particular de dar vazão à sua obra extensa, fecunda, inigualável.